



ESTADOS UNIDOS

Kamala escolhe um progressista para vice

Veterano da Guarda Nacional, ex-professor e governador de Minnesota, Tim Walz vai compor chapa do Partido Democrata nas eleições de 5 de novembro. Em seu primeiro discurso, ele atacou o republicano Donald Trump e seu vice, J.D. Vance

» RODRIGO CRAVEIRO

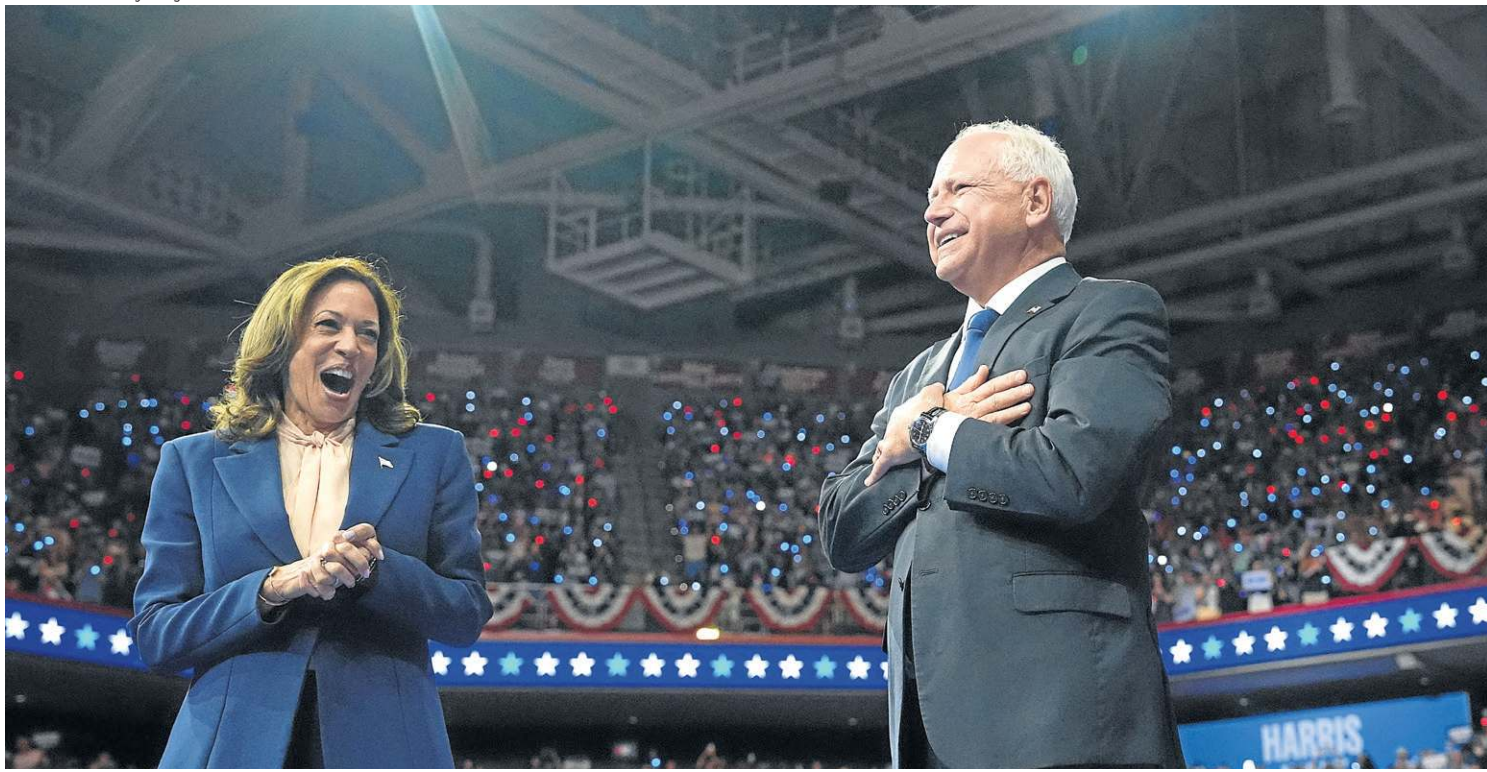
Progressista convicto, defensor do direito ao aborto, avesso ao racismo e um político conhecido pela autenticidade e pela dureza nas críticas. Aos 60 anos, Tim Walz, governador de Minnesota, é o escolhido de Kamala Harris como candidato a vice pela chapa do Partido Democrata nas eleições de 5 de novembro. O ex-professor e veterano da Guarda Nacional estreou na campanha às 18h de ontem (19h em Brasília), durante comício com Kamala, no Girard College, na Filadélfia (Pensilvânia).

Ambos entraram no palco sob aplausos, e caminharam, lado a lado, até o púlpito. Kamala iniciou o discurso da mesma forma que nos comícios anteriores. “Desde o dia que anunciei minha candidatura, eu disse que escolheria um parceiro que me ajudaria a construir um futuro brilhante. Um líder que ajudará a nossa nação a mover-se adiante. Um guerreiro pela classe média. Um patriota que acredita, assim como eu, na promessa extraordinária da América”, declarou Kamala. “Pensilvânia, estou aqui porque eu encontrei tal líder: o governador Tim Walz, do grande estado de Minnesota.”

A candidata destacou o papel de Walz enquanto governador, pai, congressista por 12 anos, veterano, professor do ensino médio e técnico de futebol americano. “Daqui a 91 dias, a nação conhecerá o técnico Walz por outro nome: vice-presidente dos Estados Unidos”, disse Kamala, enquanto a multidão gritava “Tim! Tim! Tim!”. Ela ressaltou que o governador inspira as pessoas a sonharem alto e a sentirem pertencimento na sociedade.

“Obrigado por me devolver a alegria”, disse Walz, ao tomar

Andrew Harnik/Getty Images/AFP



Kamala Harris apresenta o companheiro de chapa, durante comício na Filadélfia (Pensilvânia): “Um líder que ajudará nossa nação a mover-se adiante”

lugar no púlpito. Depois de fazer um apelo bem-humorado — “Nunca subestimem os professores” —, o candidato a vice afirmou que não poderia se sentir mais orgulhoso pela indicação de Kamala. Ele lembrou que os pais o ensinaram a ser generoso com os vizinhos e a trabalhar pelo bem comum. “Meu pai serviu no Exército, durante a Guerra da Coreia. Encorajado por ele, aos 17 anos, eu me recrutei na Guarda Nacional. Por 24 anos, vesti, com orgulho, o uniforme desta nação”, lembrou. “Meu pai era um professor. Eu e meus três irmãos seguimos os passos dele. Durante quase duas décadas, tive o privilégio de lecionar em uma escola de ensino médio e de ser técnico de futebol americano.”

Depois de recordar o trabalho na Câmara dos Representantes e

no governo de Minnesota, Walz prometeu levar à Casa Branca os valores que o moldaram ao longo das décadas e atacou os adversários. “Donald Trump vê o mundo de forma um pouco diferente de nós. Em primeiro lugar, ele nada sabe sobre o que é servir. Ele não tem tempo, porque está ocupado demais servindo a si mesmo. Trump enfraquece a nossa economia, para fortalecer suas próprias mãos”, criticou.

“Caos e divisão”

“Trump semeia caos e divisão. Nada temos a dizer sobre seu histórico como presidente. Durante a crise da covid-19, ele se congelou. (...) Crimes violentos sofreram uma escalada, sob a gestão Trump. Nem estamos contanto os crimes que ele cometeu”,

disparou. Walz alertou que um novo governo Trump será “muito pior” do que o anterior. Sobre J.D. Vance, candidato a vice republicano, o governador de Minnesota avisou: “Mal posso esperar para debater com o cara”.

Natural do Nebraska, no centro-oeste, Walz tem pouca fama fora das fronteiras de Minnesota, mas é visto como potencial aglutinador de votos dos indecisos. Conhecido por sua postura moderada, adotou medidas consideradas progressistas no comando do estado, como a legalização da maconha para uso recreativo; restrições para a compra de armas, apesar de se declarar caçador; e a ampliação da proteção federal para os trabalhadores.

Após a decisão da Suprema Corte dos EUA, em junho de 2022, que derrubou as proteções

constitucionais para o aborto, ele se comprometeu a tornar o Minnesota um refúgio para mulheres que buscam a interrupção assistida da gravidez.

Kamala confirmou o nome de Walz por meio da rede social X, na manhã de ontem. “Tenho orgulho de anunciar que pedi a Tim Walz para ser meu companheiro de chapa. Como governador, treinador, professor e veterano, ele fez a diferença para famílias trabalhadoras como a dele”, escreveu a democrata. Walz utilizou a mesma plataforma para responder à presidenciável democrata. “É a honra da minha vida me unir a Kamala em sua campanha.”

O presidente Joe Biden elogiou a escolha. “A primeira grande decisão que um indicado do partido faz é a escolha do vice-presidente. E Kamala Harris

Em primeiro lugar, Trump nada sabe sobre o que é servir. Ele não tem tempo, porque está ocupado demais servindo a si mesmo”

Tim Walz, candidato democrata a vice-presidente dos EUA

tomou uma grande decisão”, escreveu o titular da Casa Branca, que desistiu de disputar a reeleição, em 21 de julho, e endossou a candidatura da vice.

Allan Lichtman, historiador político da American University (em Washington), sublinhou ao **Correio** que não há evidências de que um candidato a vice faça qualquer diferença no resultado de uma eleição presidencial. “O que importa é a compatibilidade entre os dois candidatos, e creio que isso foi importante na escolha de Kamala por Walz. O que também interessa são as qualificações do escolhido para exercer o cargo de vice-presidente e, se necessário, assumir o governo do país”, comentou.

De acordo com Lichtman, o ataque do Partido Republicano a Walz, ao chamá-lo de “esquerdista radical”, foi “pré-planejado”. “Eles teriam lançado uma crítica contra qualquer candidato, mesmo alguém conservador, como o senador Joe Manchin. O ataque não atingirá Walz, que venceu várias eleições legislativas em um distrito relativamente moderado a conservador”, acrescentou.

VENEZUELA

Militares cerram fileiras em torno de Maduro

Em uma carta de duas páginas, o almirante-em-chefe da Força Armada Bolivariana (FANB), Remigio Ceballos Ichaso, e o ministro da Defesa, general Vladimír Padrino López, ratificaram “lealdade absoluta” ao presidente da Venezuela, Nicolás Maduro, e respaldaram o “espírito republicano” do chefe de Estado. A FANB e a polícia venezuelana também “rejeitaram, contundentemente, as desesperadas e sediciosas abordagens contidas em um texto publicado nas redes sociais, em 5 de agosto, por parte do senhor Edmundo González Urrutia, ex-candidato presidencial, e da ultradireitista María Corina Machado”.

Ichaso e Padrino López acusam os opositores de terem uma “larga e obscura trajetória como promotores de ações radicais e absolutamente inconstitucionais, antidemocráticas, contrárias a todas as leis e aos mais elevados interesses do povo da Venezuela”. O próprio Maduro publicou o texto, em seu perfil na rede social X, e destacou “as firmes convicções” da FANB de proteger o povo da Venezuela e defender a pátria dos “fascistas”.

Na segunda-feira, María Corina

Ministerio de la Defensa de Venezuela/AFP



Vladimír Padrino, ministro da Defesa, acompanhado de altos oficiais: “lealdade absoluta” ao presidente Nicolás Maduro

com as Forças Armadas é “bastante particular”. “Por ter origem civil, Maduro teve que pactuar com os militares para manter sua lealdade. Ele abriu espaços nos setores da mineração e petrolífero, lhes deu um banco e um canal de televisão, além de lucros e domínio territoriais”, comentou. “A relação clientelista se marca por benefícios e mútuas dependências. Na Venezuela, existe uma dinâmica de interesses e de um ecossistema rentável para os setores armados.” No caso de uma eventual saída de Maduro, Rodríguez lembra que muitos oficiais terão que assumir as consequências de seus atos.

Jose Vicente Carrasquero Aumaitre, cientista político da Universidad Central de Venezuela (UCV), acredita que Padrino López permitiu a Maduro alterar os resultados eleitorais, a fim de preservar privilégios que os uniformizados

e Edmundo González divulgaram um documento no qual fazem “um chamado à consciência dos militares e policiais para que se coloquem ao lado do povo e de suas próprias famílias”. “Nós, venezuelanos, não somos inimigos das FANB. (...) Pedimos a vocês que impeçam a selvageria do regime contra o povo e respeitem e façam respeitar, os resultados das eleições de 28 de julho”, afirma a mensagem da oposição, que provocou reação imediata do regime de Maduro.

Tarek William Saab, procurador-geral da Venezuela, abriu

investigação criminal contra os dois opositores por seis delitos, incluindo instigação à insurreição. O Tribunal Supremo de Justiça intimou Edmundo a comparecer, hoje, ante a Corte, depois de se proclamar presidente eleito.

“Relação particular”

Presidente do Observatório da Venezuela da Faculdade de Estudos Internacionais, Políticos e Urbanos da Universidad del Rosario (Colômbia), Ronal Rodríguez explicou ao **Correio** que a relação do Palácio de Miraflores

Eu acho...

Arquivo pessoal



“Qualquer processo de transição política deve entender que a instituição armada não funciona como um exército tradicional. Suas múltiplas dependências com o governo a fizeram muito mais suscetível e vulnerável. Alguns analistas creem que um racha entre militares e Maduro significaria a derrocada da Revolução Bolivariana. O que liga os militares, hoje, não é mais um espírito de corpo ou uma institucionalidade, mas uma dinâmica de interesses.”

Ronal Rodríguez, cientista político e presidente do Observatório da Venezuela da Faculdade de Estudos Internacionais, Políticos e Urbanos da Universidad del Rosario (Colômbia)

Arquivo pessoal



“Os altos oficiais das FANB fazem parte do regime de Maduro. Este não é um governo apoiado pelos militares, mas do qual eles integram o comando básico central do país. Isso não quer dizer que, dentro das Forças Armadas, em níveis baixos e médios, não haja divergências. Hoje, existem mais presos políticos militares do que civis. Maduro deve ter exigido de Padrino López e de outros oficiais que fizesssem essa declaração. Isso não me surpreenderia.”

Sadio Garavini di Turno, ex-embaixador da Venezuela em Georgetown (Guiana) e em Paramaribo (Suriname)

perderiam sob um governo democrático. “Por exemplo, há concessões de minas de ouro em nome de Mitchel Padrino, apenas por ser filho de Vladimír Padrino López”,

disse à reportagem. Ontem, a Provea, ONG venezuelana de proteção aos direitos humanos, anunciou que a repressão aos protestos no país deixou 24 mortos. (RC)